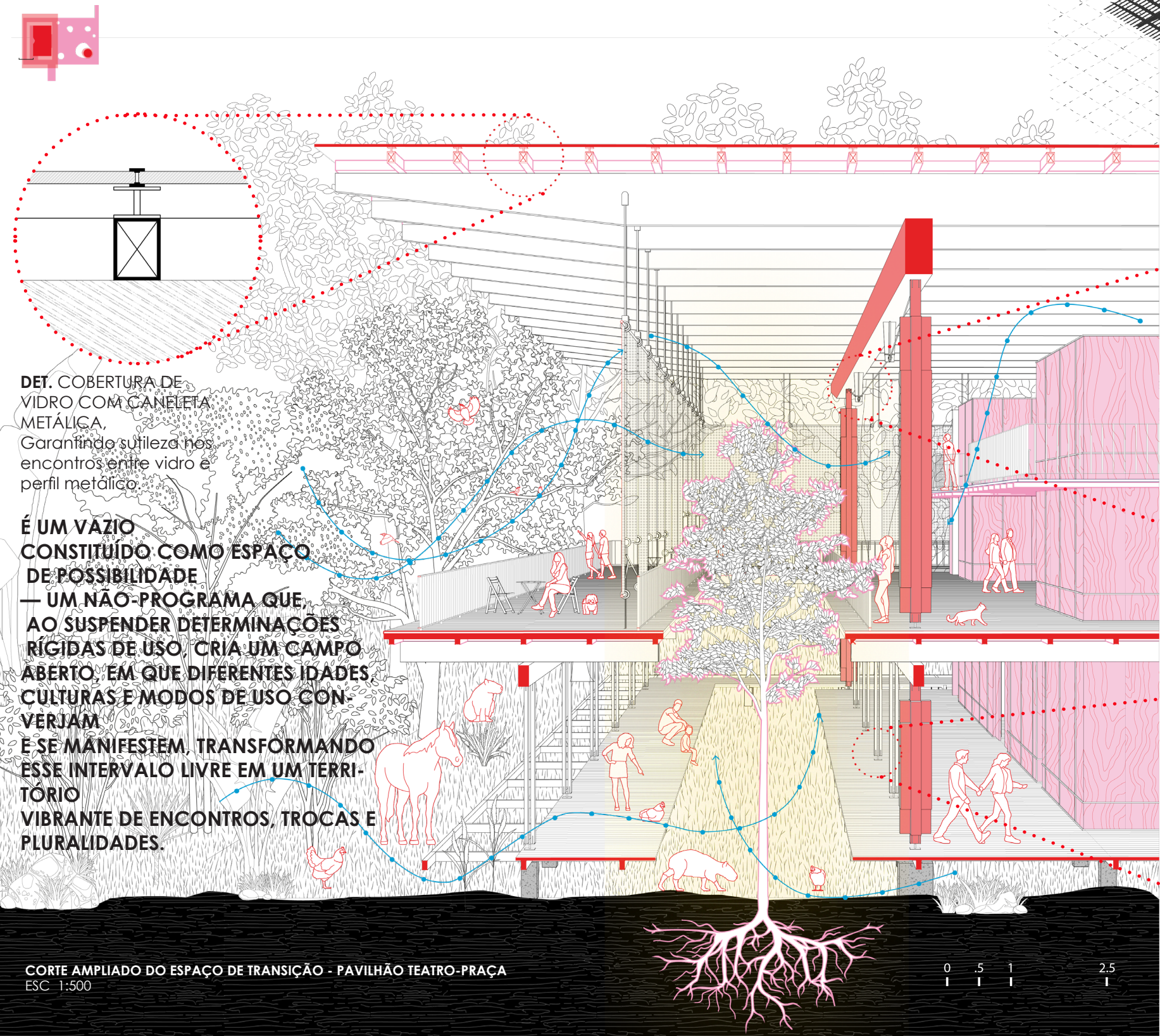
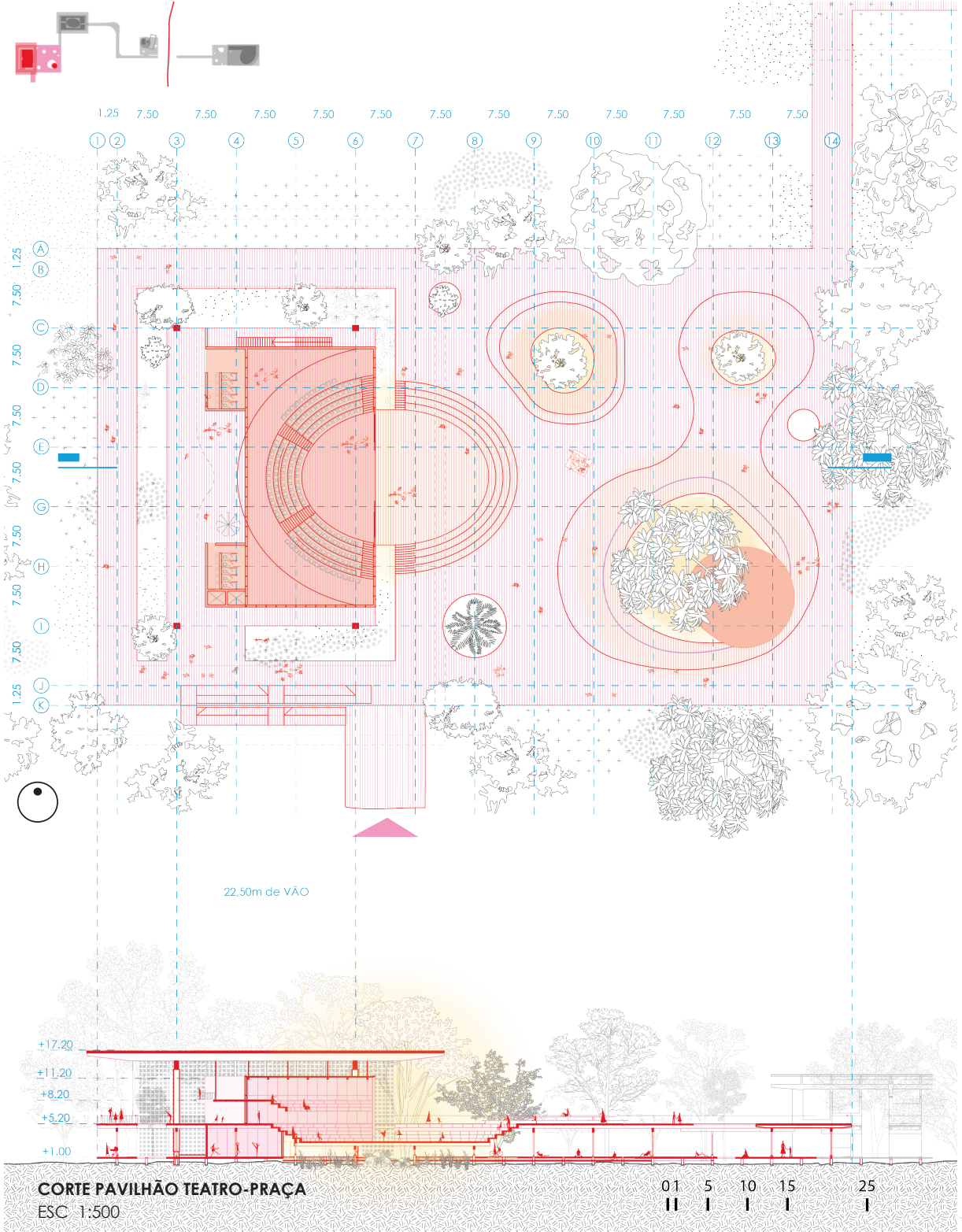


ENSAIO PROJETUAL

O ensaio projetual propõe um espaço público capaz de sustentar encontros entre diferentes culturas, temporalidades e modos de existir presentes no território. Em uma cidade marcada por processos de segregação, fragmentação urbana e apagamentos culturais, a proposta busca construir um espaço de mediação — um território aberto à convivência, ao atravessamento e à experiência coletiva.

A partir da noção de vazio discutida anteriormente, a arquitetura deixa de compreender o espaço apenas como forma construída e passa a entendê-lo como campo de possibilidades. O vazio surge, então, não como ausência, mas como estrutura sensível capaz de acolher o imprevisível, o transitório e aquilo que escapa às lógicas rígidas de organização e controle.



TEATRO-PRACA

O pavilhão teatro-praça propõe um gesto que parte da solidez e definição de um teatro, mas aqui colocado sobre a fluidez da vida urbana. A intenção não é impor funções rígidas ou programações fixas, mas criar um espaço concreto que permita que a vida aconteça: pessoas que passam, encontros inesperados, manifestações espontâneas e planejadas tornam-se parte do palco. Aqui, o espaço público se torna protagonista, e o teatro deixa de ser apenas um objeto arquitetônico para se tornar um organismo aberto, acessível e vivo, capaz de acolher o imprevisível e celebrar a participação de todos.

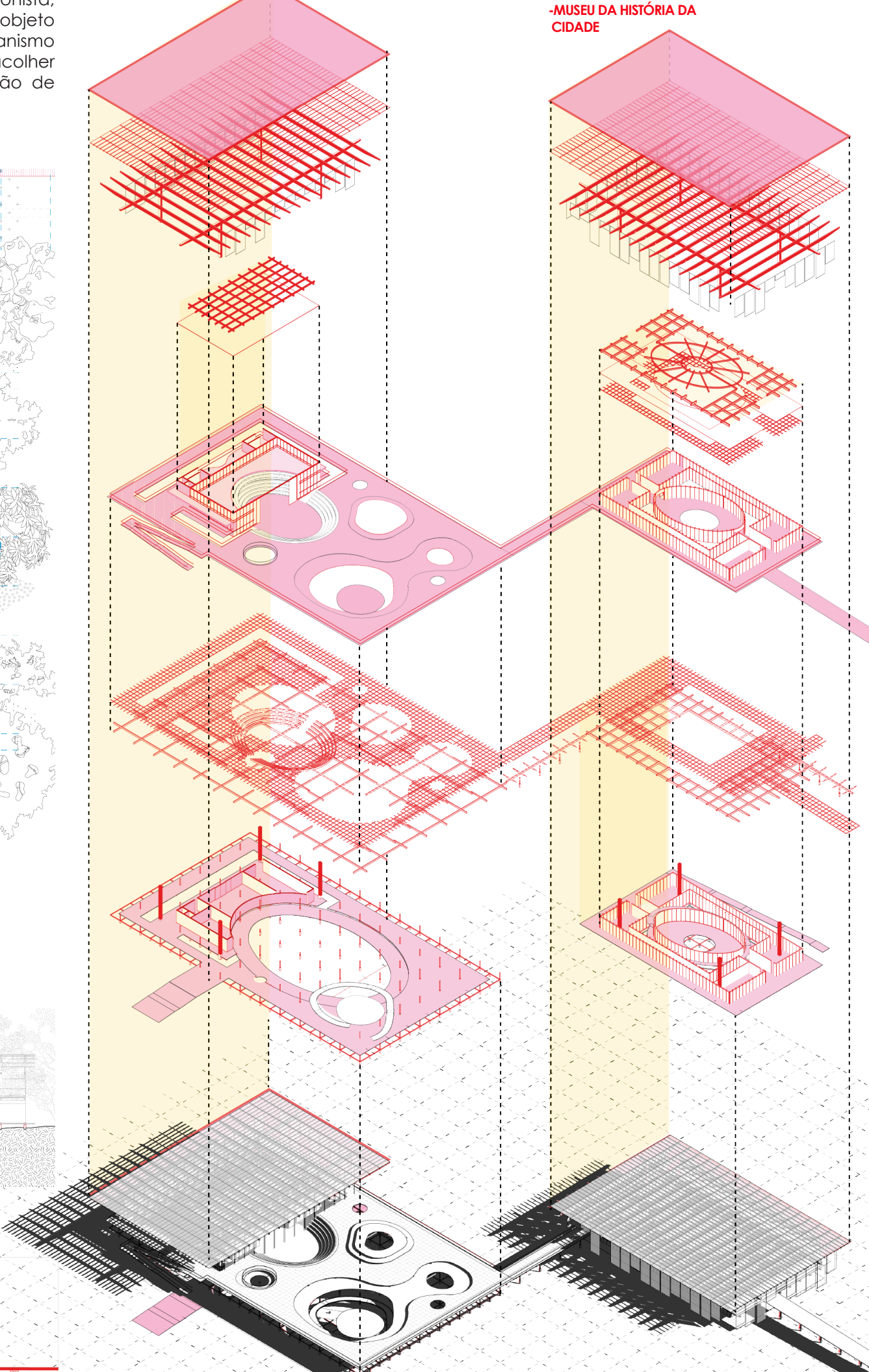
ISOMÉTRICA ESTRUCTURAL EXPLODIDA DO CONJUNTO

PAVILHÃO TEATRO-PRACA

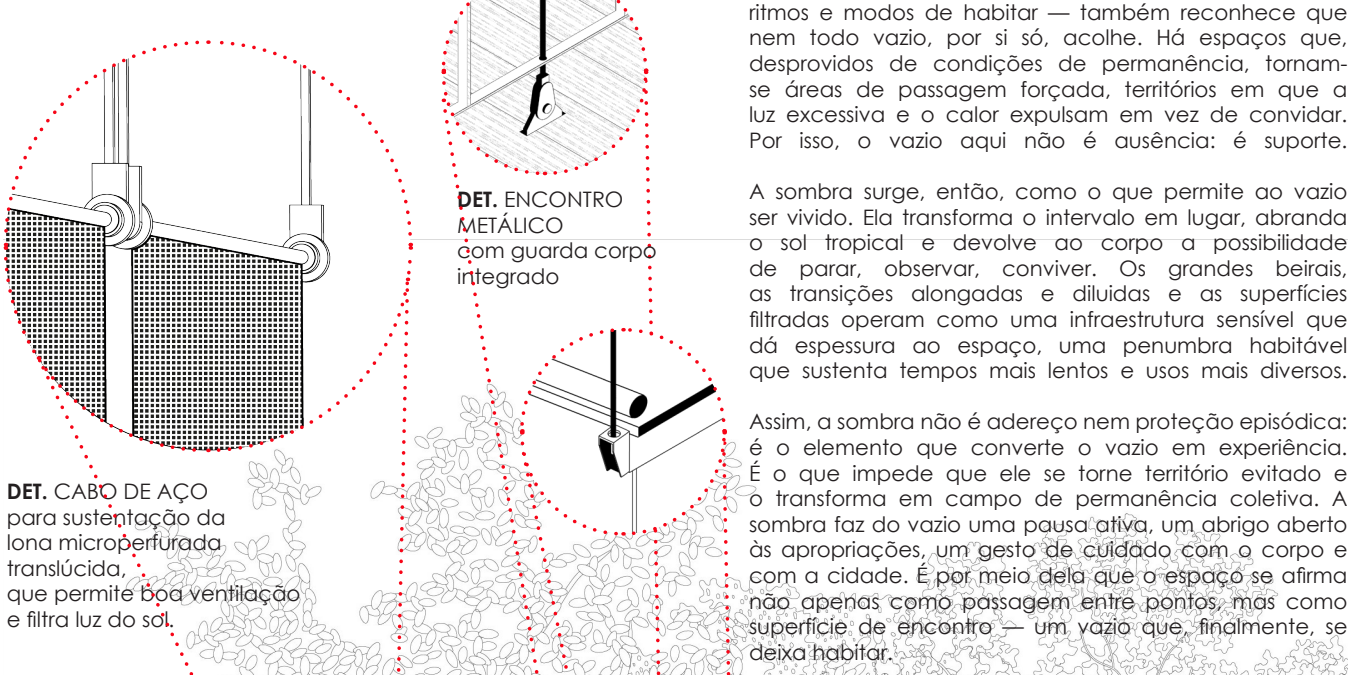
- ÁREA PARA APRESENTAÇÕES
- ÁREA DE PRAÇA
- ÁREAS FECHADAS (CAMARIM, SALAS...)
- ESPAÇO DE DANÇA
- RESTAURANTE

PAVILHÃO EXPOSITIVO

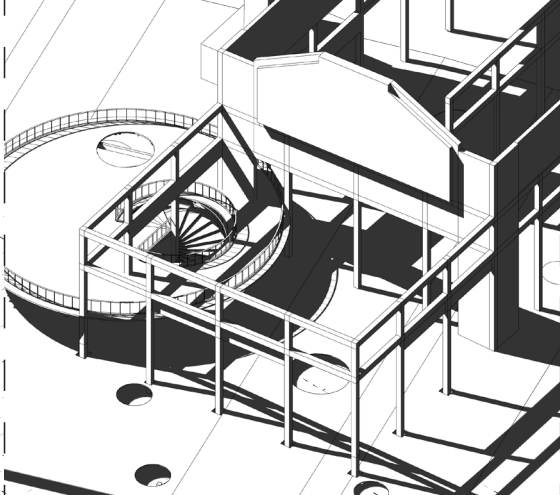
- ÁREA EXPOSITIVA
- ÁREAS TÉCNICAS
- ÁREAS ADMINISTRATIVAS
- MUSEU DA HISTÓRIA DA CIDADE



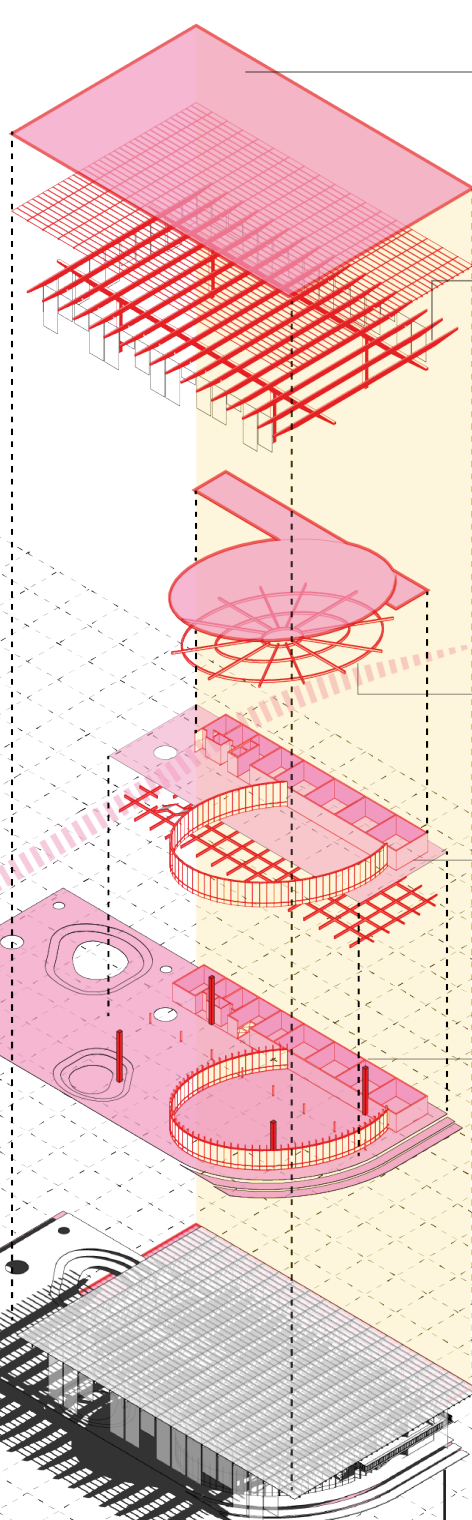
A SOMBRA COMO VAZIO NÃO EVITADO



PONTO DE ENCONTRO



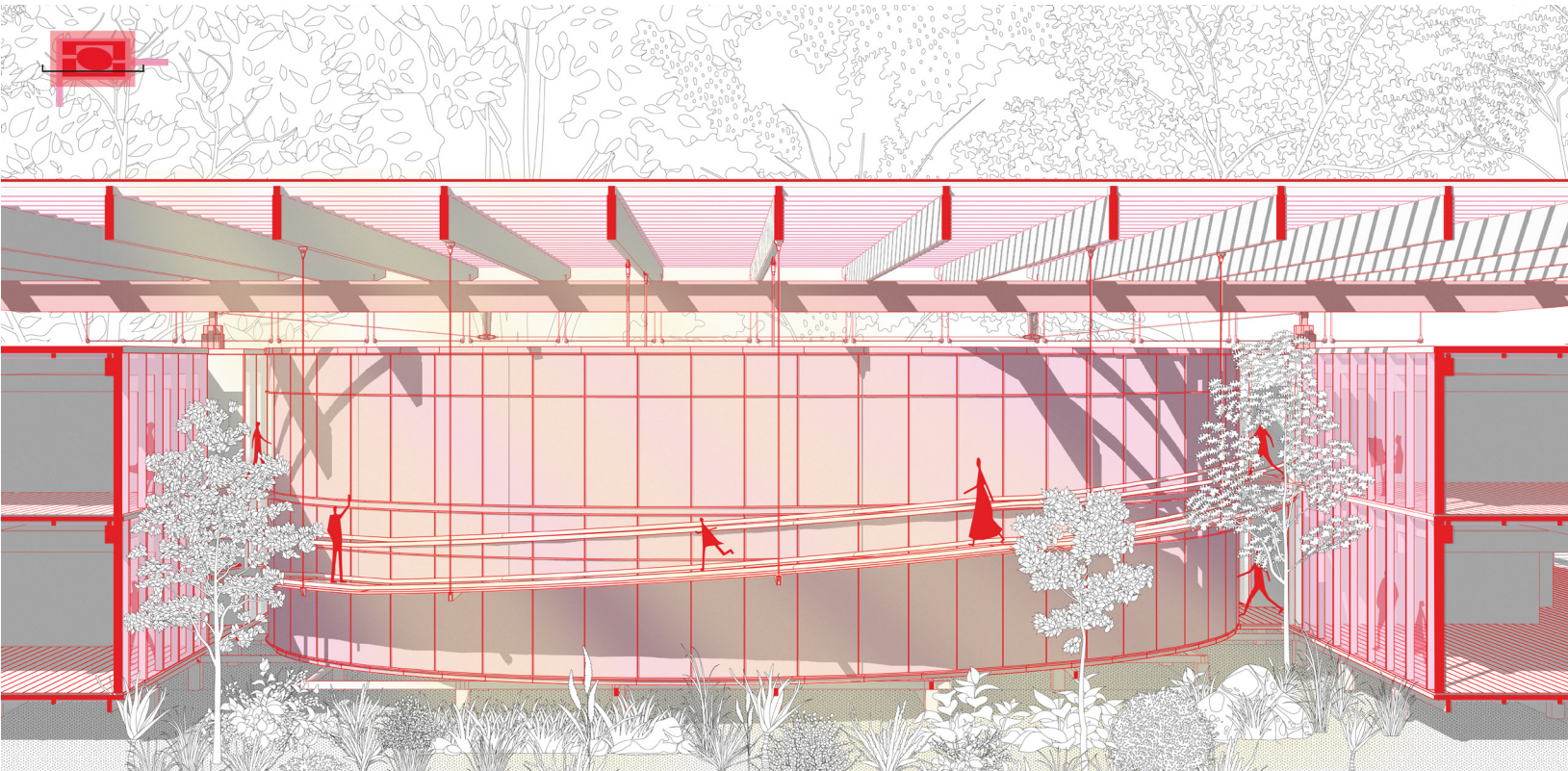
PAVILHÃO ESPAÇO LIVRE



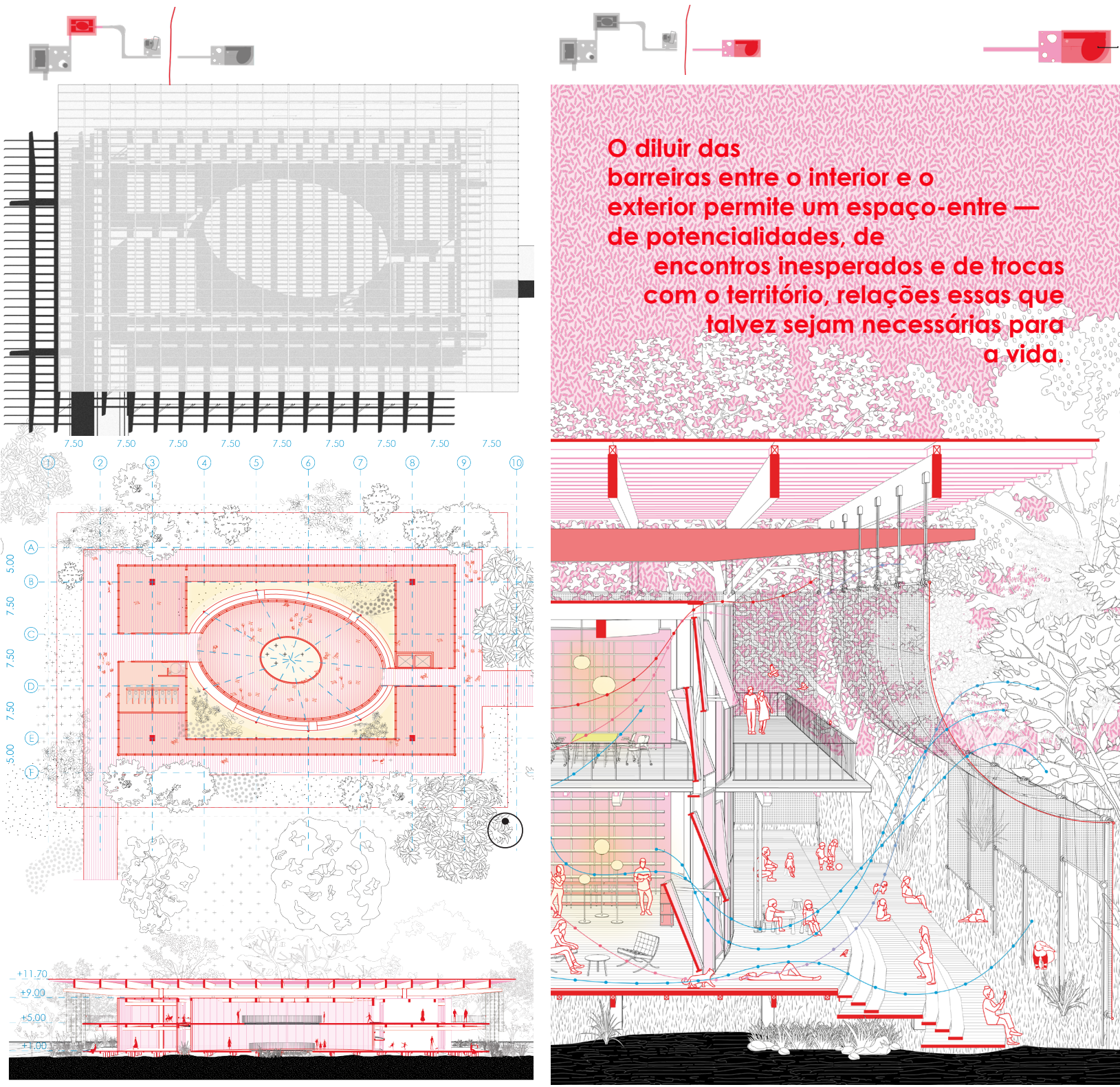
PONTO DE CONVERGÊNCIA

O primeiro espaço do conjunto marca a entrada e o ponto de encontro. Nesse sentido, a ruína não é apenas memória preservada, mas também palco para o "não-programa" — um espaço que se mantém receptivo a usos imprevisíveis, reforçando a ideia de que o projeto atua como mediador e catalisador de encontros, sem ditar rigidamente como a vida deve ocupar o lugar.

fragmentada, aberta, carregada de tempo. Nesse sentido, a ruína não é apenas memória preservada, mas também palco para o "não-programa" — um espaço que se mantém receptivo a usos imprevisíveis, reforçando a ideia de que o projeto atua como mediador e catalisador de encontros, sem ditar rigidamente como a vida deve ocupar o lugar.

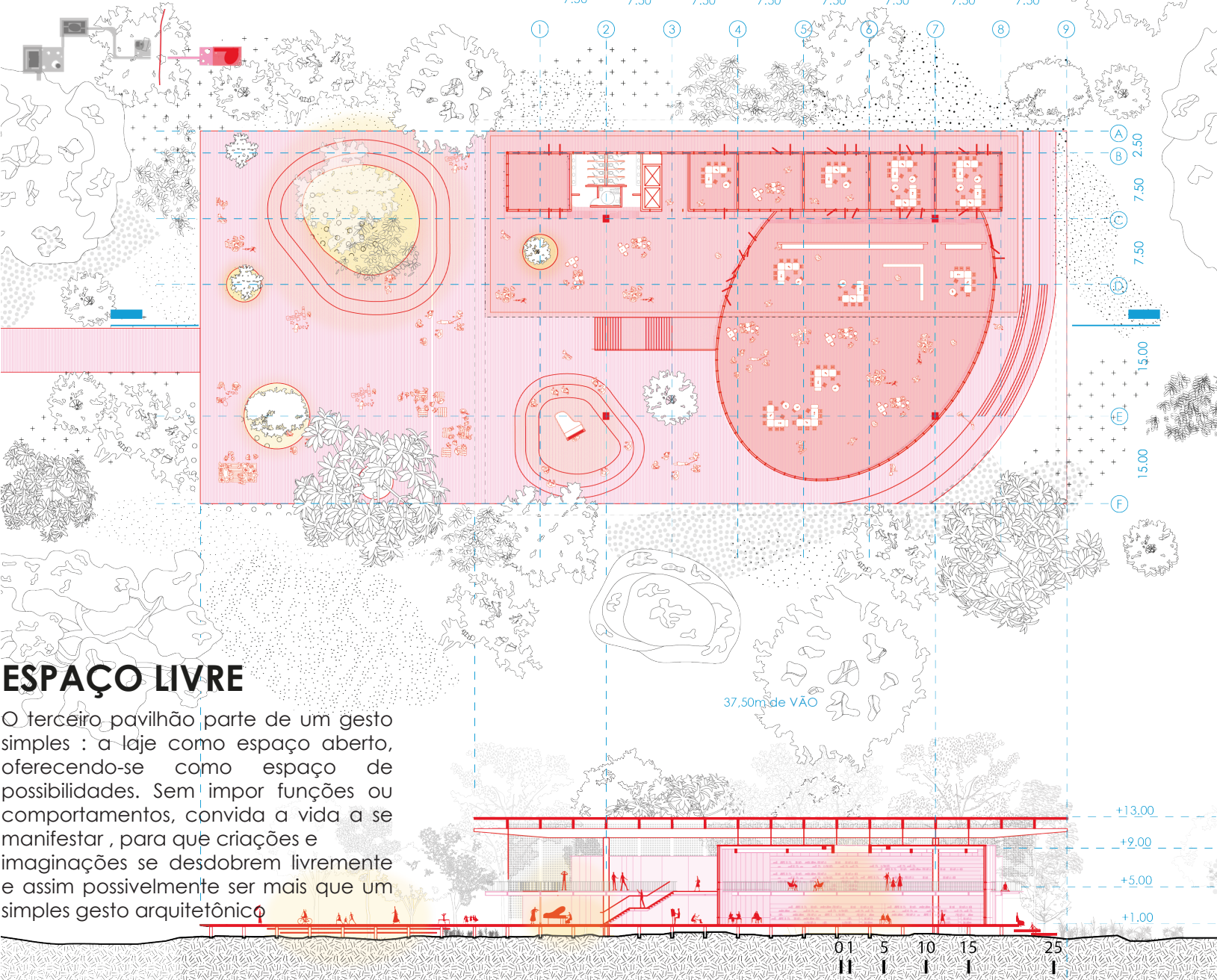


VISTA DO ESPAÇO-ENTRE, EXPOSIÇÃO E ÁREAS TÉCNICAS - PAVILHÃO EXPOSITIVO



PLANTA CORTE PAVILHÃO EXPOSITIVO ESC 1:500

CORTES AMPLIADO ESPAÇO LIVRE ESC 1:50



ESPAÇO LIVRE

O terceiro pavilhão parte de um gesto simples: a laje como espaço aberto, oferecendo-se como espaço de possibilidades. Sem impor funções ou comportamentos, convida a vida a se manifestar, para que criações e imaginações se desdobrem livremente e assim possivelmente ser mais que um simples gesto arquitetônico.

PLANTA CORTE DO ESPAÇO-LIVRE ESC 1:500